

## **MOVIMENTOS DO ESPORTE OLÍMPICO NACIONAL NA DÉCADA DE 1910: JORNAIS, PESSOAS E FATOS**

Fausto Amaro<sup>1</sup>

**Resumo:** A partir das narrativas jornalísticas, este artigo analisa a formação do primeiro Comitê Olímpico Brasileiro (1913/1914), as tentativas de organização de jogos olímpicos no Rio de Janeiro, a campanha por um estádio olímpico nacional e os primeiros preparativos para a participação brasileira na Antuérpia/1920. Observa-se em especial a forma como a memória sobre esses eventos foi construída na década de 1910, um período chave para a definição dos rumos do esporte olímpico no Brasil.

**Palavras-chave:** Narrativas; Jogos Olímpicos; Cidade.

### **Movements of the National Olympic sport in the 1910s: newspapers, people and facts**

**Abstract:** Based on the journalistic narratives, this article analyze the formation of the first Brazilian Olympic Committee (1913/1914), the attempts to organize Olympic games in Rio de Janeiro, the campaign for a National Olympic Stadium and the first preparations for the Brazilian participation in Antwerp/1920. It is observed in particular how the memory of these events was built in the 1910s, a key period for defining the course of Olympic sport in Brazil.

**Keywords:** Narratives; Olympic Games; City.

### **Los movimientos del deporte olímpico nacional en la década de 1910: periódicos, personas y eventos**

**Résumen:** A partir de los relatos periodísticos, este artículo analiza la formación del primer Comité Olímpico Brasileño (1913/1914), los intentos de organizar los juegos olímpicos de Río de Janeiro, la campaña para un Estadio Olímpico Nacional y los primeros preparativos para la participación de Brasil en Amberes/1920. Observa, en particular, cómo la memoria de estos eventos fue construido en la década de 1910, un período clave para la definición de la dirección del deporte olímpico en Brasil.

**Palabras clave:** Narrativas; Juegos Olímpicos; Ciudad.

---

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Pós-graduação em Comunicação da UERJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, com bolsa FAPERJ Nota 10. Email: faustoamaro@outlook.com.

## Introdução

Buscando compreender os Jogos Olímpicos Modernos, o sociólogo Pierre Bourdieu (1997) desenvolveu o conceito de “construção social em dois níveis”. Nesse modelo, o evento real, composto por atletas, dirigentes, médicos, árbitros, voluntários, transformar-se-ia em discursos pelos agentes midiáticos (jornalistas, operadores de câmera, comentaristas), que transmitem representações do espetáculo aos espectadores e leitores. O sistema bourdiano acertadamente atribui à mídia papel proeminente. Para pensar os Jogos Olímpicos na década de 1910, em especial no Rio de Janeiro, deveríamos considerar, contudo, um grau maior de porosidade entre os dois níveis imaginados por Bourdieu. A mídia não apenas reportava os fatos esportivos, mas se envolvia ativamente na formação de um campo olímpico<sup>2</sup> na cidade, modelo a ser espalhado para o restante do Brasil.

A introdução dos esportes no cotidiano carioca ocorre ainda no século XIX. De acordo com o historiador Victor Melo (2012), os meios de comunicação são causa e consequência da difusão dos esportes no Rio de Janeiro, ou seja, houve um movimento de imbricação mútua entre esporte e mídia. O esporte se espalhava por inúmeros campos sociais, servindo de mote até mesmo para anúncios publicitários publicados nos jornais (MELO, 2001, p. 190) e de tema para escritores como João do Rio, Machado de Assis e Olavo Bilac. Os produtos que chegavam ao porto do Rio vindos da Europa, na virada do século, abasteciam uma cidade ainda carente de produção industrial própria e sedenta de hábitos ditos “civilizados” (literatura, moda, entre outros). Dentre eles, estavam os esportes, que chegam por esse mesmo porto, seja através dos estudantes regressos da Europa ou de imigrantes desse mesmo continente (MELO, 2001, p. 23). Entender esse contexto nos permite posicionar os Jogos Olímpicos também enquanto um produto cultural europeu.

O Rio de Janeiro não foi, entretanto, um receptor passivo das influências europeias, ao menos no cenário olímpico. Inúmeros jogos olímpicos<sup>3</sup> “não-oficiais” ocorriam no Brasil e na América do Sul, e esses acontecimentos ocupavam considerável espaço na mídia carioca<sup>4</sup>. Na Europa do século XIX, foram muitos os eventos esportivos que se inspiravam nos jogos da antiguidade. No Rio, a variedade de jogos olímpicos nas narrativas jornalísticas era notável, estando presente em

---

<sup>2</sup> Poderíamos tratá-lo também como um sub-campo inserido no campo esportivo. Acredito, contudo, que as especificidades da formação do cenário olímpico na capital brasileira suscitem pensá-lo enquanto um campo próprio, mesmo que não totalmente autônomo.

<sup>3</sup> Sempre que utilizo “Jogos Olímpicos” com letras maiúsculas me refiro aos eventos “oficiais”, enquanto para os “não-oficiais” adoto a grafia em minúsculas (“jogos olímpicos”), a qual também se aplica aos momentos em que trato de ambos, jogos “oficiais” e “não-oficiais”.

<sup>4</sup> Jogos olímpicos estavam presentes em números circenses, como tema para peças teatrais, como filmes exibidos nos cinemas cariocas, em eventos comemorativos diversos e em competições poliesportivas (como os jogos olímpicos de Montevideu, em 1907). A esse respeito, ver Amaro e Helal (2015), Amaro (2016) e Melo e Peres (2016).

ambientes tão diversos quanto o circo e outros eventos populares. Dessa relação Brasil-Europa no universo olímpico, se comprova a tese de Peter Burke, segundo a qual “os receptores, de maneira consciente ou inconsciente, interpretam e adaptam as ideias, costumes, imagens e tudo o que lhes é oferecido” (2011, p. 249).

Assim, ao entendermos os Jogos Olímpicos como um evento de alcance internacional e dependente do diálogo intercultural, passamos a interpretar as narrativas dos jornais do Rio de Janeiro como relatos relevantes desses eventos. Os fatos narrados ilustram os modos de recepção e codificação dos Jogos por uma nação do Novo Mundo, o que contribui para situar as representações de uma das partes envolvidas (o Brasil) dentro do todo (os países envolvidos nas Olimpíadas da Era Moderna). O processo de apropriação dos valores olímpicos por parte da narrativa jornalística carioca configura uma troca cultural, ainda que sob bases distintas de influência. Há uma dupla implicação evidente nesse câmbio: “É difícil dizer quem manipulava quem, mas é pelo menos claro que as diferentes partes do encontro operavam com diferentes definições da situação” (BURKE, 2011, p. 256). Os Jogos Olímpicos representavam para o Rio a possibilidade de aproximação com um aspecto do modo de vida civilizado europeu. Para o Comitê Olímpico Internacional, o Rio representava a porta de entrada para a conquista estratégica do Brasil, o maior país da América Latina.

A partir das narrativas jornalísticas<sup>5</sup>, analiso neste artigo a formação do primeiro Comitê Olímpico Brasileiro<sup>6</sup> (1913/1914), as tentativas de organização de jogos olímpicos no Rio de Janeiro, a campanha por um estádio olímpico nacional e os primeiros preparativos para a participação brasileira na Antuérpia/1920. Observo em especial a forma como a memória sobre esses eventos foi construída na década de 1910, um período chave para a definição dos rumos do esporte olímpico no Brasil.

### **O Comitê Olímpico Nacional e os jogos olímpicos no Rio: primeiros ensaios**

Os jogos olímpicos vinham paulatinamente se inserindo no cotidiano carioca desde o final do século XIX, inicialmente nos circos, teatros, cinemas, festividades e nas expressões de uso cotidiano. Uma hipótese plausível para esse primeiro momento associaria as ofertas de jogos olímpicos ao desejo de novidade, típico da modernidade, e, ao

---

<sup>5</sup> Com base na relevância do periódico à época e na atenção dispendida à temática olímpica, compõem o *corpus* desse artigo cinco jornais e uma revista: *Gazeta de Notícias*, *O Paiz*, *Jornal do Brasil*, *Correio da Manhã*, *O Imparcial* e *Revista da Semana*. A consulta a essas fontes foi realizada no sítio on-line da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, por meio da busca por cinco termos: “jogos olympicos”/“jogos olímpicos”, “olympiadas”/“olimpíadas”, olympíada”/“olimpiadas”, “Coubertin” e “jogos gregos”.

<sup>6</sup> Alguns trabalhos que já se debruçaram sobre esse tema foram os de Franceschi Wacker (1999), Danilo Lemos (2008) e Alexandre Massi (2015).

mesmo tempo, ao ajustamento dos hábitos de lazer e trabalho ao *modus operandi* do sistema capitalista ocidental (CHALHOUB, 2012). A década de 1910 representa o ponto culminante de um processo iniciado bem antes, tanto sob o ponto de vista esportivo (os esportes olímpicos já eram praticados e consumidos) quanto social (o referido processo de ajustamento se consolidava). Nesse período, os textos das seções de esporte das folhas cariocas se tornavam mais incisivos, uma vez que o próprio campo olímpico ganhava mais consistência. Cobrava-se do poder público mais atenção ao esporte, elogiava-se as iniciativas de outros países em prol do olimpismo, buscava-se que jogos olímpicos fossem organizados por entidades locais. Tratava-se, em resumo, de uma nova abordagem sobre o esporte olímpico.

Nessa mesma época, observam-se algumas tentativas de organização de jogos olímpicos brasileiros<sup>7</sup>, competições que reuniram os esportes olímpicos já difundidos no Rio de Janeiro, servindo ao propósito de difundir a cultura olímpica no país e preparar os atletas brasileiros para os Jogos Olímpicos Internacionais. Foram ao menos três tentativas nesse sentido, capitaneadas pelo *Jornal do Brasil* e pela Liga Metropolitana de Sports Athleticos (LMSA).

Segundo cálculos da *Gazeta de Notícias*<sup>8</sup>, eram em 20 mil o número de *sportsmen* associados a clubes filiados a Federação Brasileira de Sports em 1915. O *Jornal do Brasil*, por sua vez, contava 100 clubes na capital federal e em Niterói, reunindo cerca de seis mil jovens filiados, não contabilizados “os que se agremiam adotando os nomes dos institutos de ensino de que são alunos”<sup>9,10</sup>. Ambas as estimativas não representam números tão significativos para uma população total estimada em cerca de 900 mil pessoas<sup>11</sup>, mesmo se considerarmos apenas os homens jovens solteiros. Mas não era também um dado desprezível. Acredito que se tratava de um contingente suficiente para justificar a movimentação em torno de um Brasil olímpico na década de 1910.

### Os jogos olímpicos no Rio: tentativas frustradas

As primeiras ocorrências sobre a organização de jogos olímpicos no Rio de Janeiro, nos moldes do evento internacional do COI, aparecem já em 1911. Naquele ano, a *Gazeta de Notícias* informava sobre uma reunião organizada pelo escritor e político Coelho Neto, na

<sup>7</sup> Não havia inicialmente interesse manifesto dos organizadores por tornar as iniciativas oficiais perante o COI, o que só viria a ocorrer com os Jogos de 1922.

<sup>8</sup> *Gazeta de Notícias*, 24/11/1915, p. 6.

<sup>9</sup> *Jornal do Brasil*, 10/11/1912, p. 13.

<sup>10</sup> Para facilitar a leitura, atualizei a grafia das palavras sempre que possível. Assim, por exemplo, “alumnos” passa ser aluno; “sport”, esporte; e “olympico”, olímpico. Optei, porém, por manter a grafia do nome de instituições, colunas de jornal e palavras grafadas em itálico ou entre aspas pelos próprios jornais.

<sup>11</sup> Fonte: Censo IBGE, 1910. Disponível em: <<http://seculoxx.ibge.gov.br/populacionais-sociais-politicas-e-culturais/busca-por-temas/populacao.html>>. Acesso em: 19 maio 2016.

qual estiveram presentes Annibal Mattos, Luiz Cordeiro e Julião Machado, três representantes da esfera artística. Apesar de oriundos do mundo das artes, os quatro esboçaram um projeto de jogos olímpicos com bases esportivas. É oportuno salientar aqui como, nesses momentos iniciais, o esporte olímpico e a arte caminhavam lado a lado na esfera do lazer carioca, o que torna mais compreensível o fato de artistas discutirem a organização de um evento esportivo. Os idealizadores do evento pretendiam preencher a programação com corridas, cabo de guerra, luta, grupos plásticos, combate de esgrimistas e jogos atléticos (lançamento de disco), tendo como local de disputa o “campo de ‘foot-ball’ da rua Guanabara” (atual Estádio das Laranjeiras). Para concretizar o plano, cogitava-se o apoio das “sociedades do remo e do Centro de Cultura Physica”<sup>12</sup>. Apesar de auspiciosa, não encontrei outras informações sobre essa iniciativa de Coelho Neto.

Não tardou, contudo, para que outro entusiasta do esporte propusesse sua ideia de jogos olímpicos no Rio. No início de 1912, Ulysses Reymar, correspondente da revista portuguesa *Tiro e Sport*<sup>13</sup> e “propagandista esportivo”, fora convidado a responder uma enquete da *Gazeta de Notícias* sobre qual seria o esporte mais difícil. Aproveitando-se do espaço ganho nesse jornal, Reymar divulgava sua ideia de criação da “Liga Patriótica de Educação Physica”, uma instituição que cuidaria da educação física nacional e também da organização de jogos olímpicos brasileiros. Reymar pregava em favor dos benefícios patrióticos associados ao olimpismo e de um questionável melhoramento da “raça brasileira” através da prática esportiva<sup>14</sup>. Maurice Salassa (da Associação Christã de Moços) proporia algo semelhante alguns meses depois. Com o intuito de enviar atletas brasileiros às Olimpíadas de Estocolmo/1912, ele sugeria a criação de uma “Junta Nacional no Brasil”, o que não se revelou possível<sup>15</sup>. Nesse começo da década de 1910, como veremos, essa agitação em torno dos assuntos relacionados aos destinos do esporte olímpico era compartilhada pelos jornalistas e autoridades do esporte nacional. Havia certo consenso de que estávamos atrasados em relação ao resto do mundo e mesmo diante de nossos vizinhos sul-americanos<sup>16</sup>.

Até 1912, foram então verificadas apenas essas iniciativas isoladas e que não tiveram prosseguimento: o projeto de Coelho Neto para jogos olímpicos no Rio e as duas propostas de criação de um órgão

<sup>12</sup> *Gazeta de Notícias*, 15/05/1911, p. 1.

<sup>13</sup> Segundo o site da Hemeroteca Municipal de Lisboa, *Tiro e Sport* foi uma revista de periodicidade variável e que circulou “entre 15 de janeiro de 1904 e 30 de junho de 1913, totalizando mais de 250 números”. Fonte: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/TiroeSport.pdf>>. Acesso em: 31 ago. 2016.

<sup>14</sup> “Não percamos o ensejo; [...] a unirmo-nos em torno do nobre e alevantado ideal de pugnar pelo soerguimento de um Brasil mais forte, pelo resurgimento físico e moral da nossa raça” (*Gazeta de Notícias*, 07/02/1912, p. 4).

<sup>15</sup> *Jornal do Brasil*, 04/07/1912, p. 12.

<sup>16</sup> Naquela época, Argentina (1900 e 1908) e Chile (1896 e 1912) já haviam participado duas vezes cada um de edições olímpicas internacionais.

para gerir o esporte olímpico nacional (uma de Reymar e outra de Salassa). Os primeiros passos para a formação de um movimento olímpico mais organizado partem de um órgão da imprensa, o *Jornal do Brasil*. Em dez de novembro de 1912, o periódico publicava a matéria “Os jogos olímpicos no Rio”, que anunciava: “Um tentamen do ‘Jornal do Brasil’ que imprimirá grande desenvolvimento às nossas sociedades esportivas”. A proposta consistia basicamente na realização anual de jogos olímpicos na capital do Brasil, a começar no ano de 1913.

A primeira etapa do plano buscava divulgar o projeto por meio do envio de “circulares ao comércio e às sociedades esportivas”<sup>17</sup>. Na defesa de sua iniciativa, o jornal invocava argumentos relacionados aos conceitos de civilização, raça, corpo e nação, muito em voga na época. Promover um lazer controlado e que cultivasse corpos saudáveis eram atrativos prometidos pelos jornais aos seus leitores como benefícios decorrentes da prática de jogos olímpicos. O antropólogo Roberto DaMatta (1982), ao abordar o papel do futebol na sociedade brasileira, salientou sua função pedagógica de ensinar o respeito às regras e à valorização do mérito. Ambos os valores mencionados por DaMatta podem ser utilizados também para explicar esse interesse inicial do meio jornalístico carioca pelo esporte olímpico.

Importante destacar o conhecimento dos meandros olímpicos demonstrado pelo *JB*, que explicava para seus leitores a distinção entre o evento local e aquele já organizado pelo COI: “O *Jornal do Brasil* não vai organizar os jogos olímpicos universais, porque estes já se vão realizando admiravelmente reorganizados há vinte anos. O que o *Jornal do Brasil* vai tentar é a sua realização em miniatura nesta Capital, com os elementos de que já dispomos”. A emergência de uma proposta como essa reflete a vitalidade de um incipiente campo olímpico no Rio, que já possuía uma base de clubes e atletas filiados a federações, uma compreensão mínima sobre os jogos olímpicos<sup>18</sup>, instituições estruturadas e esportes efetivamente praticados<sup>19</sup>. Para formar a comissão organizadora dos jogos olímpicos no Rio, o *JB* pretendia convidar quatro membros, oriundos das entidades esportivas sediadas na cidade, mais o redator do jornal. O cargo de Presidente de Honra seria ofertado ao Presidente da República, uma jogada estratégica para o estreitamento dos laços com o poder público. Quanto à viabilidade econômica, a ideia era obter auxílio financeiro junto ao governo e aos comerciantes locais<sup>20</sup>.

<sup>17</sup> Com esse propósito, uma circular foi enviada por Almeida Brito, redator do *Jornal do Brasil*, aos diretores de clubes e federações sediadas no Rio de Janeiro.

<sup>18</sup> “Pensamos nada mais ser preciso acrescentar para explicar o que são jogos olympicos” (*JB*, 10/11/1912, p. 13).

<sup>19</sup> Eram listados os esportes passíveis de ser disputados no evento: “Concursos hípicas, de tiro ao alvo, remo, natação esports atléticos, ginástica, *foot-ball*, ciclismo, luta, esgrima, *lawn-tennis* e talvez o pentatlo moderno” (*Jornal do Brasil*, 10/11/1912, p. 13, grifos do jornal).

<sup>20</sup> *Jornal do Brasil*, 10/11/1912, p. 13.

Nos dias que se seguiram, o *JB* se utilizava do espaço esportivo do jornal para divulgar o andamento do projeto<sup>21</sup>. É interessante observarmos como o próprio diário se retroalimenta de conteúdo, isto é, o fato olímpico criado pelo *JB* produz o gancho para novas notícias. A informação e a promoção do evento trilham, nesse caso, caminhos paralelos. A folha carioca se colocava na vanguarda do movimento olímpico e acreditava cumprir um propósito pedagógico ao fazê-lo. O senso de urgência, a que aludi acima, aparecia logo na abertura de um dos textos do *JB*: “Já era tempo de realizarmos os Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro”<sup>22</sup>.

Desde o mês de novembro, o *JB* vinha pedindo celeridade dos clubes e federações no envio das respostas para que se pudesse formar o quanto antes o comitê organizador dos jogos olímpicos no Rio. O envio das circulares enfrentava problemas típicos de um campo olímpico em formação e de uma capital do mundo em desenvolvimento. O diário admitia que nem “todas as sociedades esportivas desta Capital e do Estado do Rio” haviam recebido a circular informando sobre os jogos, pois o *JB* simplesmente desconhecia seus endereços. Em outros casos, o preenchimento do endereço estava incompleto, o que poderia comprometer a entrega<sup>23</sup>. A precariedade de muitos serviços básicos no Rio de Janeiro também impactava esse processo: “Tivemos já ciência de que diversas [circulares] extraviaram-se e acreditamos que esse fato se deve a desídia de alguns funcionários da Repartição dos Correios, de cujo diretor esperamos uma providência”. Todos esses problemas logísticos somados à morosidade de envio das respostas fazia com que o periódico manifestasse apreensão quanto a real possibilidade de ocorrência da competição: “Oxalá que os Jogos Olympicos – ideia já vencedora entre os mais adiantados países da Europa e América – não sejam atirados para o rol das coisas irrealizáveis, como é costume da nossa negligência indígena”<sup>24</sup>. Até aquele momento, apenas a Escola Naval, o Club de Regatas Vasco da Gama, o Club Internacional de Regatas e o Cycle-Club haviam enviado suas respostas positivas à redação do *JB*.

---

<sup>21</sup> Normalmente duas colunas divulgavam informações sobre o evento: “Movimento sportivo” e “Os jogos olympicos do Rio”.

<sup>22</sup> Jornal do Brasil, 15/11/1912, p. 15.

<sup>23</sup> Jornal do Brasil, 24/11/1912, p. 12.

<sup>24</sup> Jornal do Brasil, 05/12/1912, p. 9.

Figura 1: Coluna “Os jogos olympicos no Rio”.



Fonte: *Jornal do Brasil* (24/11/1912, p. 12).

Ao longo do mês de dezembro, novas adesões foram recebidas<sup>25</sup>, porém não no ritmo desejado pelo jornal. O clima de empolgação inicial com a proposta começava, entretanto, a paulatinamente ceder lugar à incerteza, levando o jornal a dar um ultimato às entidades esportivas cariocas: “melhor será que nos escrevam nesse sentido, mostrando-nos, com isenção de pequenas vaidades, ser esse tentamen impossível de realizar-se”<sup>26</sup>. Parte da demora no recebimento de respostas das instituições cariocas pode ser atribuída ao desconhecimento da natureza dos jogos olímpicos. Mesmo o presidente da LMSA parecia não entender muito bem do que se tratavam. Em discurso proferido na reunião da Liga em 11 de fevereiro de 1913, ficava evidente o incipiente conhecimento de Alvaro Zamith sobre os jogos olímpicos, os quais tratava, incorretamente, enquanto um esporte, no singular<sup>27</sup>. Apesar desses contratemplos, o evento repercutia na imprensa nacional, como o próprio *JB* fazia questão de evidenciar, reproduzindo notícias publicadas no *Commercio de São Paulo*, no *Correio do Sport*, na revista *Auto Sport*, no *Correio do Povo* (RS) e na *Revista da Semana*.

Se permanecia certa suspeição quanto a executabilidade do evento, havia também arroubos de contido entusiasmo: “São poucas as adesões que nos chegam diariamente. Estas, porém, são redigidas em termos tão animadores, que cada vez mais se animam quantos se vão

<sup>25</sup> Colégio Paula Freitas, Centro de Cultura Physica e Club de Natação e Regatas (*JB*, 08/12/1912, p. 15); Federação Brasileira das Sociedades do Remo (*JB*, 12/12/1919, p. 9; *O Imparcial*, 12/12/1912, p. 6); R. S. Club Gymnastico Portuguez e Villa Isabel Foot-ball Club (*JB*, 15/12/1912, p. 14); Touring Club do Rio e Portinho Foot Ball Club (*JB*, 19/12/1912, p. 8); S. Christovam Athletico Club e Paysandu Cricket Club (*JB*, 22/12/1912, p. 16); Grupo de Regatas Gragoatá e América Foot-Ball Club (*JB*, 23/01/1913, p. 8); Liga Metropolitana de Sports Athleticos (*JB*, 05/01/1913, p. 13); Automovel Club do Brasil (*O Imparcial*, 21/05/1913, p. 9; *O Paiz*, 21/05/1913, p. 11).

<sup>26</sup> *Jornal do Brasil*, 15/12/1912, p. 14.

<sup>27</sup> “O sr. presidente falou mais sobre a propaganda dos jogos olímpicos, da qual faz parte, por ter sido convidado e pediu aos representantes que entendessem daquele esporte, que o ajudassem no que fosse possível” (*O Imparcial*, 13/02/1913, p. 6).

interessando por este patriótico tentamen”<sup>28</sup>. O *JB* não desejava postergar para o ano seguinte (1913) algumas etapas consideradas essenciais para o cronograma do evento, dentre elas a formação do Comitê Geral Organizador<sup>29</sup>. Este comitê deveria ponderar, por exemplo, sobre a hipótese de convidar delegações de outros estados da federação para o evento, antes restrito ao Rio de Janeiro.

O ano de 1912 se encerraria, contudo, sem grandes definições acerca dos jogos olímpicos brasileiros. No início do ano seguinte, ao retornar ao tema, o *JB* tentava explicar a desaparecimento de informações sobre o evento: “não significa absolutamente que tivessem arrefecido o nosso entusiasmo e o nosso ardente desejo de levar à realização esse brilhante tentamen”<sup>30</sup>. E, talvez numa tentativa de reanimar a confiança dos leitores no projeto, o periódico reproduzia um desenho originalmente veiculado na *Revista da Semana*, no qual era retratado o novo modelo de corpo moldado pela prática de esportes olímpicos. Importante observar que o ideal corpóreo representado se coadunava também às mudanças vivenciadas na cidade: “Educar o corpo e disciplinar hábitos significava integrar o país no perfil do mundo moderno e civilizado” (ARAÚJO, 1993, p. 312).

Figura 2: Os jogos olímpicos Brasileiros.



Fonte: *Jornal do Brasil* (05/01/1913, p. 13) e *Revista da Semana* (07/12/1912, p. 17).

<sup>28</sup> *Jornal do Brasil*, 19/12/1912, p. 8.

<sup>29</sup> *Jornal do Brasil*, 19/12/1912, p. 8; 22/12/1912, p. 16.

<sup>30</sup> *Jornal do Brasil*, 05/01/1913, p. 13.

Após tanta postergação e indefinição, a primeira reunião do Comitê Geral Provisório estava, enfim, prevista para o dia 24 de janeiro de 1913 no Centro de Chronistas Sportivos, localizado na Rua dos Ourives. Foram convidados para compor esse Comitê Raul de Carvalho (Presidente do Centro de Chronistas Sportivos), Comandante Raul Oscar de Faria Ramos (Presidente da Federação Brasileira das Sociedades do Remo), Alvaro Zamith (Presidente da Liga Metropolitana de Sports Athleticos), Alfredo Regulo Valdetaro (Presidente do Club Sportivo de Equitação), D. P. Cross (Diretor do Departamento de Educação Física da Associação Christã de Moços) e Almeida Brito (redator do *JB*). Nesta reunião, caberia a Brito apresentar o projeto dos jogos olímpicos e colocar em debate diversas pautas sobre a organização do evento.<sup>31</sup>

A reunião de cerca de duas horas contou com a presença de três jornalistas de grandes folhas da cidade: Romeu Maina (*Gazeta de Notícias*), Jorge Cunha (*O Imparcial*) e Almeida Brito. Esse fato por si só reforça o lugar central ocupado pela mídia no desenrolar daqueles acontecimentos<sup>32</sup>. Outro ponto relevante dessa reunião foi a menção a um Comitê Olímpico Nacional, que pela primeira vez aparecia nominalmente referenciado nos periódicos analisados<sup>33</sup>. A definição por um evento de escala nacional expunha explicitamente o interesse em envolver os demais estados da federação, difundindo certa mentalidade olímpica por meio da formação de comissões olímpicas estaduais<sup>34</sup>.

Outras duas reuniões desse Comitê Provisório foram realizadas no mês de fevereiro, segundo informava *O Imparcial*<sup>35</sup>. Uma quarta reunião estava marcada para o dia 13 de março às 7h30 da noite. Além das associações que já estiveram presentes na primeira reunião, em 24 de janeiro, foram convidados “representantes da Comissão Central de Concurso Hípico, do Aero Club Brasileiro, do Autómovel Club do Brasil e dos jornais desta Capital”<sup>36</sup>. No entanto, devido às ausências de Raul de Carvalho e de Alvaro Zamith, a reunião teve de ser postergada<sup>37</sup>. Para o novo encontro, o *JB* prometia apresentar alguns documentos referentes aos jogos olímpicos portugueses, que foram enviados ao Comitê Organizador dos jogos brasileiros por Ulysses Reymar<sup>38</sup>. Não podem passar despercebidos aqui os laços que começavam a se estabelecer entre o mundo olímpico brasileiro e o português, fundamentais em outros momentos do olimpismo nacional, como veremos mais à frente.

<sup>31</sup> *Jornal do Brasil*, 23/01/1913, p. 8.

<sup>32</sup> *O Imparcial* (26/01/1913, p. 6) também publicou matéria sobre a reunião e suas resoluções.

<sup>33</sup> “Será organizado um comitê permanente de seis membros denominado Comitê Olímpico Nacional” (*Jornal do Brasil*, 26/01/1913, p. 14).

<sup>34</sup> *O Imparcial*, 27/01/1913, p. 6.

<sup>35</sup> *O Imparcial*, 26/02/1913, p. 7.

<sup>36</sup> *Jornal do Brasil*, 09/03/1913, p. 17.

<sup>37</sup> *Jornal do Brasil*, 16/03/1913.

<sup>38</sup> *Jornal do Brasil*, 23/03/1913, p. 18.

A quarta reunião dos membros do Comitê Provisório ocorreria, de fato, no dia oito de maio de 1913, no gabinete do redator do *JB*. A possível presença de Carlos Bleck<sup>39</sup>, vice-presidente do Comitê Olímpico Português<sup>40</sup>, bem como a realização do próximo Congresso do COI, em 1913, no qual o Brasil poderia estar representado<sup>41</sup>, despertavam a atenção do *JB*<sup>42</sup>. Almeida Brito mais uma vez foi o responsável por conduzir a reunião, na qual estiveram presentes Carlos Bleck, Raul de Carvalho, Alvaro Zamith, Tenente Rodolpho de Vasconcellos (do Aero Club Brasileiro), Arthur Manuel e P. Siemens (da ACM). O principal assunto em pauta era a autorização para que Duarte Rodrigues, descrito como “vulto da propaganda esportiva” portuguesa, representasse o Brasil na reunião do COI. Caso concedida a permissão, Rodrigues deveria vir ao Rio “constituir o Comitê Olímpico brasileiro”<sup>43</sup>. Zamith se colocava reticente quanto à autoridade dos presentes para tomar qualquer decisão a respeito desse tema, o que para ele seria possível apenas quando “o Comitê Geral Provisório conseguisse a eleição do Comitê Olímpico Brasileiro”. Os demais membros concordaram com a ponderação do presidente da LMSA e foi essa a mensagem que Ulysses Reymar repassou a Duarte Rodrigues por telegrama<sup>44</sup>. Nesse momento, é importante estarmos cientes de que o tímido movimento olímpico nacional começa a se cruzar com os desígnios do COI.

O projeto dos jogos olímpicos brasileiros, contudo, não se tornaria realidade<sup>45</sup>. Em seu lugar, entrava em cena a proposta de uma “Semana Sportiva”. Antes de falar dela, ressalto que a iniciativa do *JB* para os jogos olímpicos nacionais não foi de todo infrutífera, visto que movimentou o campo olímpico carioca. Ao que tudo indica, nem o *JB* nem as entidades esportivas sediadas no Rio de Janeiro tinham a real dimensão do contexto olímpico nacional e dos percalços inerentes à organização de um evento desse porte no momento em que lançaram a ideia. Existiam problemas de infraestrutura do Estado brasileiro que iam muito além da esfera esportiva e que inviabilizavam uma competição envolvendo os estados da federação. O próprio jornal enumerava as razões que o levaram a dissuadir o Comitê Olímpico Provisório de organizar jogos ainda em 1913:

<sup>39</sup> A *Revista da Semana* o tratava por Charles Bleck (17/05/1913, p. 73).

<sup>40</sup> O Comitê Olímpico Português foi fundado em 30 de abril de 1912. A primeira participação portuguesa em Jogos Olímpicos ocorre em Estocolmo/1912. Fonte: <<http://comiteolimpicoportugal.pt/celebram-se-104-anos-criacao-do-comite-olimpico-portugues/>>.

<sup>41</sup> *Jornal do Brasil*, 04/05/1913, p. 20,

<sup>42</sup> *Jornal do Brasil*, 07/05/1913, p. 9.

<sup>43</sup> Duarte Rodrigues estaria autorizado a “dar posse ao Comitê Olímpico Brasileiro, das credenciais que estabelecem a sua harmonia com o Comitê Olímpico Internacional” (*Jornal do Brasil*, 04/05/1913, p. 20).

<sup>44</sup> *Jornal do Brasil*, 09/05/1913, p. 10.

<sup>45</sup> Um ano mais tarde, em reunião para definir a criação do COB, o discurso de Alvaro Zamith confirmava que a ideia dos jogos olímpicos brasileiros realmente não vingara: “Foi para generalizar que se constituiu em 1913 o Comitê Olímpico Provisório, iniciativa arrojada, mas por isso mesmo digna de apoio, do *Jornal do Brasil*. Não foi possível por motivos diversos, fazer o que se desejava, nem tudo, porém, ficou perdido” (*Jornal do Brasil*, 10/06/1914, p. 14).

- a falta da unificação esportiva do Brasil e até dos Estados;
  - a rudimentar e deficiente organização esportiva em diversos Estados;
  - a nula organização em outros tantos;
  - a ausência dos recordes brasileiros;
  - o desconhecimento quase absoluto que se tinha em diversos Estados do que fossem Jogos Olímpicos e dos esportes assim considerados;
  - as dificuldades de comunicações entre os diversos Estados;
  - a necessidade do auxílio do Governo
- (JB, 03/08/1913, p. 17).

Assim, a transição da ideia de jogos olímpicos para a da “Semana Sportiva” é gestada em junho de 1913<sup>46</sup>. Para a *Revista da Semana*, o evento seria “o primeiro passo forte para a organização esportiva do nosso país” e, por meio dele, seriam “obtidos os recordes oficiais dos esportes olímpicos, para base da organização e unidade esportiva do Brasil”<sup>47</sup>. Reunidos no dia 11 de junho, os membros da Liga Metropolitana de Sports Athleticos decidiram apoiar e organizar, juntamente com o Comitê Geral Provisório<sup>48</sup>, a “Semana Sportiva”<sup>49</sup>. Esse mesmo Comitê também se reuniria, no dia 26 de junho, com o intuito de definir os membros que representariam a entidade na direção do referido evento<sup>50</sup>. Foram então nomeados Arthur Manuel (ACM) e Almeida Brito (JB) que juntamente com Alvaro Zamith e Comandante Herman Palmeira, representantes da LMSA, comporiam o comitê da “Semana Sportiva”. Posteriormente, Ernani Pinto, do Automóvel Club do Brasil, viria a se tornar o quinto membro da organização<sup>51</sup>. O JB estava à frente de mais essa iniciativa. Além de ocupar um cargo no comitê organizador, as comunicações dirigidas à “Semana Sportiva” tinham como destino a redação do jornal<sup>52</sup>.

O projeto da “Semana Sportiva” pretendia atingir indiretamente os demais estados do Brasil, servindo de catalisador para outras iniciativas locais em todo o país. Sua missão instrutiva previa “que por todos os recantos da nossa pátria se terá conhecimento exato do que

<sup>46</sup>A coluna “Os Jogos Olympicos no Rio”, publicada pelo JB, passaria a se chamar “A Semana Sportiva” apenas a partir de agosto de 1913.

<sup>47</sup> Revista da Semana, 28/06/1913, p. 41.

<sup>48</sup> Organizado para gerir os “jogos olímpicos no Rio de Janeiro”, esse comitê já era então formado por representantes das seguintes instituições: “Centro dos Chronistas Sportivos, Confederação do Tiro Brasileiro, Federação Brasileira das Sociedades do Remo, Liga Metropolitana de Sports Athleticos, Aero Club Brasileiro, Automovel Club do Brasil, Club Gymnastico Portuguez, Associação Christã de Moços e de um redator do *Jornal do Brasil*” (JB, 26/06/1913, p. 9, grifos do jornal).

<sup>49</sup> Jornal do Brasil, 12/06/1913, p. 10.

<sup>50</sup> Jornal do Brasil, 26/06/1913, p. 9.

<sup>51</sup> Jornal do Brasil, 03/08/1913, p. 7.

<sup>52</sup> “Secretaria da Semana Sportiva, Avenida Central 110 e 11, 8º andar, aos cuidados da redação do ‘Jornal do Brasil’” (Jornal do Brasil, 03/08/1913, p. 17).

seja o esporte, quais os seus regulamentos, quais os esportes considerados olímpicos e o que valem as duas palavras Jogos Olímpicos”. Nesse esquema, competia ao Rio de Janeiro ser o pólo disseminador da novidade olímpica, o que confirma a tese da capitalidade exercida pela cidade à época (AZEVEDO, 2002). Além de capital política, o Rio exercia centralidade em outros aspectos da vida da jovem nação brasileira. Dizia ainda o *JB*: “O Rio será o centro de irradiação dessa parte da civilização moderna, e a *Semana Sportiva* produzirá os *records* oficiais do Rio de Janeiro”<sup>53</sup>.

A inspiração para organização da “Semana Sportiva” vinha dos regulamentos das Olimpíadas de Estocolmo/1912 e dos jogos olímpicos portugueses de 1913. Os esportes componentes do programa do evento seriam todos olímpicos, à exceção de “um ou dois números de esportes não considerados olímpicos, mas de grande sucesso, porque serão inéditos”<sup>54</sup>. O regulamento geral da “Semana Sportiva” trazia em seu artigo primeiro as exigências para admissão no evento, que permitia a participação de estrangeiros residentes no Brasil, resolução que favorecia os imigrantes europeus recém-chegados, mas proibia a entrada de atletas amadores, o que era comum à época e também estava previsto para os jogos olímpicos brasileiros<sup>55</sup>. Evidencia-se, assim, que a capacidade de operacionalizar modificações e adaptações fez parte do processo de adoção desse produto cultural europeu pela sociedade carioca.

Ao longo do mês agosto, o *JB* continuava acompanhando atentamente o andamento da organização da “Semana Sportiva”. Almeida Brito, redator do jornal, estava à frente de boa parte das ações, como o convite para que Federação Brasileira das Sociedades do Remo patrocinasse as provas náuticas<sup>56</sup>. No entanto, o fracasso iminente do evento levou o *JB* a apoiar outro projeto de competição poliesportiva, lançado ainda em 1913. O “Campeonato de Sports Athleticos”, proposto pela LMSA, contaria apenas com modalidades do atletismo, o que para o *JB* seria importante para desfazer o desconhecimento do público carioca sobre o verdadeiro significado de “esportes atléticos”. Em mais um exemplo de apropriação cultural, a prova da maratona sofreria alguns ajustes, tendo seu percurso reduzido para dez mil metros, pois se acreditava “em nada beneficiar o desenvolvimento estético e razoável do corpo, uma prova que exige tão desproporcionados gastos de energias”<sup>57</sup>. Previsto para o ano de 1914, o “Campeonato de Sports Athleticos” já era então o terceiro evento de inspiração olímpica que não chegava a ser disputado. A LMSA cogitou ainda realizar um evento menor, no final de 1914, que teria o mesmo nome da competição anteriormente proposta, porém novamente não logrou êxito na

<sup>53</sup> Jornal do Brasil, 03/08/1913, p. 17, grifos do jornal.

<sup>54</sup> Jornal do Brasil, 03/08/1913, p. 17.

<sup>55</sup> Jornal do Brasil, 03/08/1913, p. 17.

<sup>56</sup> Jornal do Brasil, 17/08/1913, p. 16.

<sup>57</sup> Jornal do Brasil, 07/12/1913, p. 18.

empreitada<sup>58</sup>. O entusiasmo das instituições promotoras talvez possa ter obscurecido os obstáculos envolvidos na organização de eventos poliesportivos, mais complexos que aqueles dos esportes individuais, que já ocorriam com sucesso na capital federal<sup>59</sup>.

### A formação do Comitê Olímpico Brasileiro

O ano de 1914 foi emblemático para o olimpismo nacional após as frustrações dos anos anteriores. No mês de maio, uma carta-circular, escrita por Raul do Rio Branco, gerava grande repercussão no meio esportivo nacional. Redigido em abril, em formato de manifesto, o texto fora enviado para personagens importantes do campo esportivo nacional e lido durante a reunião da Federação Brasileira das Sociedades de Remo, em 26 de maio de 1914. O *JB*, que recebera uma cópia da referida carta, publicou seu conteúdo na íntegra no dia 28 de maio. Observo aqui o papel de arquivo reiteradamente exercido pelos jornais da época, que tanto reportavam os fatos quanto publicavam documentos marcantes do movimento olímpico nacional, passíveis de ser recuperados pelos pesquisadores posteriormente.

Ao publicar a carta, o *JB* se regozijava dos seus possíveis efeitos sobre os *sportsmen* nacionais: “com o intuito nobilíssimo de preparar para amanhã uma raça viril [...], um povo robusto e forte, patriota e valoroso, em bem da sua nação e para o progresso de sua pátria”. A justificativa do próprio Rio Branco para o envio da missiva era, todavia, mais pragmática: “fui encarregado pelo ‘Comitê Olímpico Internacional’ de ver se eu podia contribuir para acelerar a constituição de um ‘Comitê Olímpico Nacional no Brasil’, como já existem outros em todos os países civilizados da Europa, Ásia e América do Norte”. As palavras de Rio Branco servem de testemunho para a história do olimpismo brasileiro. Na carta, o diplomata percorria temas tão diversos quanto sua presença no congresso olímpico de 1913, sua nomeação como delegado do COI para o Brasil<sup>60</sup>, a importância da educação física, os caminhos para a constituição de um Comitê Olímpico Nacional e a posição do COI quanto ao amadorismo. Para além do argumento civilizatório visto acima, Rio Branco também invocava uma polêmica perspectiva racista para justificar a importância da disseminação de uma cultura física pelo país. O ministro brasileiro admitia ter escutado diversas vezes de seu pai, o Barão do Rio Branco, que:

---

<sup>58</sup> A resolução da entidade expunha que: “uma vez que instituiu não deve deixar que se encerrem este ano sem ser realizados os certames que legitimam a sua designação” (Jornal do Brasil, 03/12/1914, p. 12).

<sup>59</sup> A título de exemplo, tivemos o campeonato de Pesos e Alteres no Club Gymnastico Portuguez (JB, 02/06/1914, p. 12) e a temporada de *lawn-tennis*, organizada pela LMSA (JB, 02/12/1914, p. 12).

<sup>60</sup> Rio Branco foi apenas o quinto membro sul-americano a ingressar no Comitê Olímpico Internacional. Antes dele, já ocupavam o posto de delegado para o COI: os argentinos José Benjamin Zubiar (1894) e Manuel Quintana (1907), o peruano Carlos F. de Candamo (1905) e o chileno Oscar N. Garcia (1911) (FRANCESCHI WACKER, 1999, p. 34)

o Brasil precisava, talvez mais que muitas outras nações modernas, enveredar pelo caminho da educação física para compensar os efeitos visíveis da degenerescência que na opinião de todos os fisiologistas modernos, a não ser algum pessoalmente interessado na questão, vem enfraquecer, não imediatamente na primeira geração, mas na quarta ou na quinta, *a descendência dos cruzamentos entre raças* muito afastadas etnologicamente umas das outras (JB, 28/05/1914, p. 11, grifos meus).

A essência dessa perspectiva era compactuada por autores como Euclides da Cunha, Oliveira Vianna, Nina Rodrigues e Silvio Romero, cujos posicionamentos racialistas foram utilizados para explicar uma série de questões nacionais no início do século XX. O movimento, inspirado na teoria evolucionista em voga na Europa do século XIX (e mesmo antes<sup>61</sup>), encontrou um modo peculiar de adaptação ao pensamento social brasileiro. O mestiço, oriundo do entrecruzamento das três raças formadoras do tipo nacional (branco, negro e índio), passava a ser interpretado como um entrave ao desenvolvimento nacional ou um ponto intermediário no processo de “branqueamento social” (cf. ORTIZ, 2012, p. 21). Esse enfoque no “melhoramento da raça” como caminho do processo civilizatório também estava manifesto em um artigo da *Gazeta de Notícias* que realçava os pontos mais relevantes da carta de Rio Branco. Dizia o jornal que a empreitada olímpica “vem despertar sensacionalmente a atenção do povo brasileiro para um ponto de relevância, qual o da sua reorganização física, o *retemperamento da raça indígena*”<sup>62</sup>. Curiosamente, essa interpretação racialista da cultura nacional viria a ser superada pelas obras de Gilberto Freyre, em especial o artigo “Foot-ball mulato” (1938), escrito para o *Diário de Pernambuco*, no qual o autor louvava o valor do mestiço para o esporte nacional (no caso, a seleção brasileira na Copa do Mundo de 1938).

A carta de Rio Branco ratificava ainda os vínculos cada vez mais fortes entre o campo olímpico brasileiro e sua contraparte portuguesa. Personagens como Ulysses Reymar, Duarte Rodrigues e Conde de Penha Garcia, no lado português, e Almeida Brito e Raul do Rio Branco, no lado brasileiro, atuavam em benefício da formação de um Comitê Olímpico Brasileiro e de sua inserção oficial no COI. Fora Penha Garcia, por exemplo, o responsável por encaminhar a Rio Branco uma “lista de

---

<sup>61</sup> Benedict Anderson (2008, p. 96-101) discorre sobre as formas de distinção entre os indivíduos das metrópoles europeias e os habitantes das colônias nas Américas. O preconceito, existente desde o século XVI, acionava razões fenotípicas e genéticas para justificar a segregação e a desigualdades nas relações entre metrópole e colônia. Mesmo o clima das colônias poderia ser evocado para explicar a “contaminação” dos metropolitanos que iam habitar as colônias.

<sup>62</sup> *Gazeta de Notícias*, 03/06/1914, p. 5, grifos meus.

pessoas ou coletividades mais importantes do Brasil” na esfera do esporte<sup>63</sup>, potenciais destinatárias da mencionada carta.

A mobilização da imprensa e das entidades esportivas para fundar em definitivo um Comitê Olímpico Nacional se desenrolou mais velozmente após a missiva de Rio Branco. O clima de efervescência em torno da criação da entidade olímpica brasileira passava a pautar as narrativas jornalísticas após a publicação daquele documento pelo *JB*. Apenas algumas semanas depois, a *Gazeta de Notícias* já tratava sobre resoluções recentes da LMSA que se relacionavam à criação de um Comitê Olímpico Brasileiro e à condecoração de Raul do Rio Branco com o título de sócio honorário da instituição<sup>64</sup>.

O *JB*, por sua vez, informava que a inspiração declarada para a organização do COB estaria no regimento do Comitê Olímpico Português, com ligeiras adaptações ao cenário brasileiro<sup>65</sup>. Muitas informações, até então exclusivas do *JB*<sup>66</sup>, foram comunicadas por Almeida Brito em reunião realizada no dia oito de junho de 1914, na sede da Federação Brasileira das Sociedades do Remo<sup>67</sup>. Com a presença de representantes de inúmeras entidades esportivas cariocas, os presentes acolheram a proposta de Brito e organizaram um comitê central formado por 20 membros. Os cargos principais foram ocupados por Fernando Mendes de Almeida<sup>68</sup> (presidente), Alvaro Zamith (1º vice-presidente), Ariovisto de Almeida Rego (2º vice-presidente). Pierre de Coubertin e Raul do Rio Branco foram agraciados com o título de membros honorários<sup>69</sup>. Assim, no alvorecer do dia nove de junho, o Brasil podia se considerar, ao menos no campo do esporte, pertencente à seara das nações civilizadas. A *Gazeta de Notícias* reportava que o “Comitê Olímpico Brasileiro é um fato”<sup>70</sup>. O *Correio da Manhã* descrevia o episódio em termos mais hiperbólicos: “O dia de segunda-feira última marcou para a vida dos esportes no Brasil uma época”<sup>71</sup>.

Uma nova reunião estava prevista para ocorrer no dia 11 de junho, dessa vez na sede da Liga Metropolitana<sup>72</sup>. Nela, discutir-se-ia o reconhecimento do Comitê Brasileiro pelo COI e a confirmação da

<sup>63</sup> Em sua carta, Rio Branco também menciona a ajuda do brasileiro Alberto Klingelhofer, filho do antigo vice-cônsul do Brasil em Paris (*Jornal do Brasil*, 28/05/1914, p. 11).

<sup>64</sup> *Gazeta de Notícias*, 03/06/1914, p. 5.

<sup>65</sup> *Jornal do Brasil*, 08/06/1914, p. 12.

<sup>66</sup> O *JB* não ignorava seu protagonismo para a criação do Comitê Olímpico Nacional: “Tanto quanto cada uma delas [das instituições presentes na reunião] e mais até, está alegre o *Jornal do Brasil*, que foi autor da semente desse duplo ideal e foi o veículo da sua difusão e do seu triunfo” (10/06/1914, p. 14).

<sup>67</sup> A Federação Brasileira das Sociedades do Remo se localizava então na rua do Rosário, n. 133. É esse então o endereço onde foi fundado o primeiro Comitê Olímpico Nacional. No mesmo local e data, foram instituídas as bases para a criação da Federação Brasileira de Sports.

<sup>68</sup> Assim como Almeida Brito, Fernando Mendes de Almeida (1845-1921) trabalhava no *Jornal do Brasil*. Esteve no cargo de redator-chefe desde 1894 até o final da década de 1910. Além disso, foi presidente do Automóvel Clube do Brasil e responsável pela criação da atual Universidade Cândido Mendes.

<sup>69</sup> *Jornal do Brasil*, 03/07/1914, p. 14.

<sup>70</sup> *Gazeta de Notícias*, 09/06/1914, p. 4.

<sup>71</sup> *Correio da Manhã*, 10/06/1914, p. 4.

<sup>72</sup> A sede da entidade estava localizada, curiosamente, no oitavo andar do edifício do *JB*. O jornal carioca estava literalmente lado a lado com suas fontes esportivas.

representação nacional<sup>73</sup> no Congresso Olímpico do dia 15 de junho do mesmo ano<sup>74</sup>. Os quatro delegados brasileiros presentes ao evento assistiram à aclamação do Brasil pelos países presentes<sup>75</sup>. O reconhecimento oficial do Comitê Olímpico Brasileiro foi comunicado a Fernando Mendes de Almeida, então presidente da instituição, por um curto telegrama de Raul do Rio Branco: “Rogo favor comunicar Exmo. Senador Fernando Mendes de Almeida que o Comitê Olympique Internacional reconheceu ontem Comitê Olímpico Brasileiro” (JB, 03/07/1914, p. 14).

Essa história só seria contada em detalhes anos mais tarde, quando Ulysses Reymar escreveria o artigo “Pelo Brasil em Anvers”<sup>76</sup>. O texto tinha como objetivo precípua expor os “fatos históricos da nossa existência esportiva como nação olímpica”<sup>77</sup>. Reymar enfatizou os contornos políticos envolvidos no processo de ingresso brasileiro no COI, definido por ele como “um torneio diplomático”. O apoio dos delegados portugueses (Duarte Rodrigues e Conde de Penha Garcia) fora vital para “facilitar” o ingresso brasileiro. Outro aliado essencial foi Pierre de Coubertin, cuja amizade com Rio Branco remetia à infância de ambos em Paris. Em poucas palavras, acredito ser possível dizer que o “jeitinho brasileiro”<sup>78</sup> impregnou todos os envolvidos no processo de reconhecimento oficial do Comitê Brasileiro.

Repassemos os fatos. Coubertin delegara ao Conde de Penha Garcia a tarefa de escrever um parecer sobre a admissão do Brasil. Este não era o expediente comum para a candidatura das nações. A “irregularidade regulamentar”, como Reymar a qualifica, fora aprovada unanimemente no Congresso Olímpico de junho de 1913. A nota oficial do COI sobre o fato “salientava a deferência internacional que o Brasil merecera das nações nele representadas, permitindo ‘por exceção’ a ingressão brasileira em seu seio, sem o prévio pedido regulamentar”. No entanto, a demora brasileira em responder ao COI exigiu que Coubertin pressionasse Raul do Rio Branco a comparecer ao congresso de 1914 portando as credenciais de delegado. Para que isso fosse possível, contudo, o Brasil deveria constituir seu Comitê Olímpico. A pressão exercida por Coubertin levou Rio Branco a escrever sua citada carta-manifesto<sup>79</sup>. Fica claro, assim, como a oficialização do olimpismo no

<sup>73</sup> Na mesma reunião que criou o COB, ficou sugerido que quatro personalidades representariam o Brasil nesse Congresso. Eram eles: Raul e Paulo do Rio Branco, Alberto Kingelhofer e Ernani Pinto (Gazeta de Notícias, 09/06/1914, p. 4.)

<sup>74</sup> Jornal do Brasil, 10/06/1914, p. 14.

<sup>75</sup> Jornal do Brasil, 03/07/1914, p. 14.

<sup>76</sup> Esse texto de Reymar foi extraído de seu livro “Sob a visão da Hellade”. Infelizmente, não consegui encontrar esse livro disponível em formato físico ou digital. Acredito, porém, que possa se tratar de uma fonte relevante para pesquisas sobre esse momento do olimpismo brasileiro.

<sup>77</sup> O Paiz, 25/11/1919, p. 8.

<sup>78</sup> De acordo com Roberto DaMatta (1997), o jeitinho brasileiro é uma manifestação do personalismo existente na sociedade brasileira, na qual cada indivíduo busca “burlar” as hierarquias sociais para ser tratado como “pessoa”. Uma consequência prática do jeitinho ocorre quando se invoca o “você sabe com quem está falando” como mediador dos encontros sociais (Ibid., p. 247).

<sup>79</sup> O Paiz, 25/11/1919, p. 8.

Brasil não se dera por um movimento endógeno, mas sim movido por forças internacionais (desde o parecer do português Penha Garcia, passando pela pressão diplomática de Coubertin, até a carta de Rio Branco, enviada da Suíça).

Por fim, é importante destacar também o apreço de Coubertin pela América Latina<sup>80</sup> e, em especial pelo Brasil, o maior país do continente sul-americano. No imaginário dos dirigentes esportivos nacionais, o ingresso no COI representava o bilhete de acesso ao mundo ocidental, moderno e capitalista. Para o COI, por sua vez, tratava-se de um vasto mercado a ser conquistado pelo olimpismo.

### A campanha por um estádio olímpico nacional

Após a formação e o reconhecimento do Comitê Olímpico Brasileiro, o órgão perde protagonismo na pauta noticiosa carioca, o que explica a ausência de menções a essa entidade quando do envio da delegação brasileira à Antuérpia/1920 e da organização dos Jogos do Rio de 1922. Apesar disso, as movimentações em torno do campo olímpico seguiam seu curso na cidade.

Em 1915, o assunto em foco era a construção de um estádio olímpico, que, como colocado pelos jornais, deveria atender a múltiplos esportes, e não apenas ao futebol (então o mais popular deles). A carência de uma instalação esportiva desse porte já fora percebida por ocasião dos jogos olímpicos no Rio de Janeiro, em 1912. Naquele momento, o *JB* pretendia realizar as provas de cada esporte em uma sede individual, por exemplo, os concursos hípicas teriam como palco o Campo do São Cristóvão ou a Quinta da Boa Vista<sup>81</sup>. Isso se dava pela ausência de um estádio olímpico que pudesse recepcionar todas as provas. A primeira iniciativa visando suprir essa ausência foi noticiada pela *Gazeta de Notícias*, que informava seus leitores sobre a intenção do Villa Isabel Foot-Ball Club de solicitar à prefeitura a cessão de um terreno abandonado, localizado no Boulevard 28 de Setembro. A *Gazeta* propagandeava a empreitada como “a construção do primeiro ‘Stadium’ Brasileiro”, onde seriam praticados divertimentos úteis. O elogio ao esporte e à sua relevância social, associação comum à época, era evocado para justificar os gastos com a iniciativa, “pois pelo ‘sport’ se vai formando entre nós uma geração de moços fortes e sadios que certo representam uma esperança para o futuro do nosso país”<sup>82</sup>. Esse argumento, relacionado à utilidade do esporte, reforça a hipótese de que os jogos olímpicos se coadunavam à nova ordem social, política e

---

<sup>80</sup> Em 1916, Coubertin publicou o livro *Que és el olimpismo* para divulgar o ideário olímpico na América Latina. Além disso, idealizou e participou da Semana da América do Sul, realizada em Lyon no ano de 1916, e da Semana da América Latina, em Toulouse, 1917 (*Gazeta de Notícias*, 04/12/1916, p. 3; 30/11/1917, p. 5; *Jornal do Brasil*, 07/12/1916, p. 9; *Correio da Manhã*, 30/11/1917, p. 2; *O Paiz*, 04/12/1916, p. 3; 07/12/1916, p. 3; 22/01/1917, p. 4; 30/11/1917).

<sup>81</sup> *Jornal do Brasil*, 17/11/1912, p. 12.

<sup>82</sup> *Gazeta de Notícias*, 27/11/1915, p. 1.

econômica, ligada ao capitalismo e à modernidade, que se instalava na cidade.

Figura 3: Estádio de Berlim: inspiração para o primeiro “stadium” brasileiro.



Fonte: *Gazeta de Notícias* (27/11/1915, p. 1).

Diante da descontinuidade do projeto do Villa Isabel Foot-Ball Club<sup>83</sup>, a campanha em prol da construção de um estádio olímpico nacional regressaria apenas por conta da organização do Campeonato Sul-americano de Futebol de 1919 (o primeiro evento esportivo internacional sediado na cidade). A ideia avultada para o estádio carioca buscava se igualar àquela dos equipamentos esportivos de Londres, Estocolmo e Berlim, se distanciando dos equivalentes em Buenos Aires e Montevideu, tidos como meras “praças de football” (e não estádios). O *JB* sustentava que o Brasil deveria respeitar as tradições olímpicas do “Stadium”, trazendo como justificativas “o dever moral de zelar pelo respeito devido ao instituto grego” e o fato de o país ser “reconhecido e filiado pelo último Congresso Olímpico Internacional”<sup>84</sup>. Nas entrelinhas, o periódico parecia querer situar o Brasil em uma posição superior a seus vizinhos sul-americanos, acionando para isso o *status* de nação olímpica, adquirido cinco anos antes.

Outro jornal carioca, por sua vez, enfocava os custos elevados envolvidos na construção dos estádios de Berlim e Estocolmo, ressaltando o quão difícil empreitada semelhante se tornaria diante do quadro brasileiro, marcado pelo desinteresse dos “poderes públicos”

<sup>83</sup> Não localizei informações posteriores sobre a iniciativa. Levando em conta a demanda por um estádio em 1919, pode-se concluir que a tentativa do clube da Zona Norte carioca não logrou êxito.

<sup>84</sup> *Jornal do Brasil*, 20/10/1917, p. 10.

pelos “assuntos esportivos”<sup>85</sup>. A única esperança de ter tal estádio erguido surgia, segundo a folha, da iniciativa pessoal de Arnaldo Guinle, presidente do Fluminense e da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), que inquerira um “político influente” sobre a possibilidade de financiamento da obra. O político, cujo nome não fora explicitado, prometera conseguir o apoio do governo republicano para a iniciativa.

Apesar desse esforço solitário de Guinle, o projeto de um “Stadium” nacional para o Sul-americano de 1919 fracassaria. Naquele ano, contudo, outra iniciativa olímpica, acalentada ao longo da década de 1910, finalmente teria um desfecho positivo. A proposta de um campeonato poliesportivo retornava a agenda noticiosa após as frustradas tentativas de organização dos “jogos olímpicos no Rio de Janeiro”, da “Semana Sportiva” e do “Campeonato de Sports Athleticos”. “A grande festa de sports da Metropolitana”, como fora chamada pela *Gazeta de Notícias*, estava prevista para ocorrer em 12 de outubro daquele ano e incluiria apenas modalidades do atletismo (como corridas, salto, lançamento de peso)<sup>86</sup>. O *JB*, que também cobria o evento, reivindicava para si o “furo jornalístico” por tê-lo noticiado<sup>87</sup>, pondo em evidência a concorrência crescente entre os veículos da imprensa esportiva carioca. Restando apenas a aprovação do regulamento e da programação pela Liga Metropolitana, tudo levava a crer que dessa vez a ideia se transformaria em realidade.

A confirmação da realização do evento não foi acompanhada, contudo, de muitos detalhes sobre seu desenrolar. Ao cotejar os resultados da competição atlética carioca com os recordes mundiais, olímpicos e aqueles verificados nos jogos interaliados de 1919<sup>88</sup>, o *Correio da Manhã* ratificava a ocorrência do primeiro. Apesar de criticar a organização do evento, a falta de apoio governamental, o despreparo dos atletas, os fracos resultados esportivos obtidos e o desconhecimento geral sobre a natureza de uma Olimpíada, o *Correio* também destacava o ineditismo do evento: “Já fizemos alguma coisa, não resta dúvida, em promovermos o primeiro campeonato oficial de esportes atléticos do Rio de Janeiro”. A crítica se pretendia, assim, construtiva, propondo caminhos para o esporte olímpico nacional e destacando os méritos utilitários da cultura física: “Não desanimemos! E que a lição de domingo passado nos sirva de estímulo para levar a sério o atletismo, dando-lhe o lugar privilegiado que deve ocupar na vida de uma cidade que se diz e se acredita civilizada em assunto de educação física, malgrado o pouco caso dos homens do alto”<sup>89</sup>. A noção de civilização,

---

<sup>85</sup> O Paiz, 26/04/1918, p. 6.

<sup>86</sup> *Gazeta de Notícias*, 27/08/1919, p. 6.

<sup>87</sup> *Jornal do Brasil*, 28/08/1919, p. 12.

<sup>88</sup> Também conhecida como olimpíadas de Pershing, a competição foi realizada na França entre 22 de junho e seis de julho de 1919 e contou com a participação dos países aliados na Segunda Guerra Mundial. O evento não é reconhecido pelo COI.

<sup>89</sup> *Correio da Manhã*, 05/11/1919, p. 5.

empregada nesse excerto e em outros momentos pela narrativa jornalística, pode ser interpretada, de acordo com o historiador André Nunes de Azevedo, como “a consciência que o Ocidente tem de si mesmo” enquanto “agente privilegiado de um desenvolvimento histórico que conduziria a um mundo sempre melhor, governado pela razão e seu movimento de expansão” (2003, p. 30). Com efeito, integrar o grupo de nações civilizadas aparecia enquanto consequência das transformações experienciadas pela cidade em inúmeras fronteiras sociais, dentre elas a do esporte.

### O final de década de 1910 e os preparativos para as Olimpíadas de Antuérpia/1920

A cruzada midiática em prol do olimpismo na década de 1910 alcançaria seu ponto culminante na cobertura da preparação brasileira para os Jogos da VII Olimpíada, a ser realizados na Antuérpia. A organização da representação brasileira coube à Confederação Brasileira de Desportos<sup>90</sup>, que, segundo Katia Rubio (2010), recebera autorização do Comitê Olímpico Nacional para fazê-lo. A movimentação da imprensa para colocar seus leitores a par das notícias era intensa. Os jornais comunicavam o apoio do governo belga ao interesse brasileiro<sup>91</sup> e sobre a “grande propaganda a favor da participação” de representantes brasileiros na competição<sup>92</sup>. Oscar Cox, contato da CBD na Europa, escrevia que “os europeus veem com muito prazer a concorrência do Brasil aos jogos olímpicos”<sup>93</sup>. Dentre todos os diários analisados, *O Paiz* foi aquele que mais se engajou na campanha pela ida dos atletas brasileiros aos Jogos de 1920. Com esse propósito, publicava regularmente, desde novembro de 1919<sup>94</sup>, a coluna “Para Anvers!”<sup>95</sup>.

Villar do Paço, pseudônimo de um “conhecido internacionalista desportivo”<sup>96</sup>, era um dos autores a escrever na referida coluna. O articulista defendia a internacionalização do esporte brasileiro, que se livraria assim do “pernicioso mal do egoísmo, de só se interessar pelo movimento interno de suas questões de cultura física”. Como que atijando os brios patrióticos dos leitores, Paço enumerava algumas razões hiperbólicas pelas quais deveríamos concorrer nos Jogos de

<sup>90</sup> Segundo o relatório de 1918 da CBD, publicado por *O Imparcial* (27/02/1918, p. 11), essa entidade desportiva fora fundada em cinco de dezembro de 1916, em substituição à Federação Brasileira de Sports.

<sup>91</sup> *O Paiz*, 07/11/1919, p. 8; 16/12/1919, p. 7.

<sup>92</sup> *Jornal do Brasil*, 22/08/1919, p. 7; *Correio da Manhã*, 22/08/1919, p. 1.

<sup>93</sup> *Correio da Manhã*, 16/11/1919, p. 6.

<sup>94</sup> A coluna era entendida quase como um serviço público em prol do esporte: “‘O Paiz’ recebe, com prazer, toda e qualquer adesão oficial e particular para maior triunfo a coroar este movimento levantado, deixando para isso aberta em sua pagina de esportes esta seção – ‘Para Anvers’” (07/11/1919, p. 8).

<sup>95</sup> Os jornais da época adotavam a grafia em francês (Anvers) para se referir à Antuérpia, capital da Bélgica.

<sup>96</sup> Outro autor a escrever sob pseudônimo para *O Paiz* foi Catalunha. Na mesma coluna “Para Anvers”, Catalunha descrevia os jogos gregos da antiguidade, estabelecendo paralelos com as Olimpíadas Modernas (*O Paiz*, 15/11/1919, p. 10).

1920: “O Brasil, a primeira nação sul-americana, país vitorioso, que reabilitou a civilização; nação olímpica acreditada excepcionalmente no Comitê Internacional; país de recursos econômicos e extravasante de entusiasmo desportivo”<sup>97</sup>. Nesse mesmo tom elogioso, Paço lembrava que Raul do Rio Branco, delegado do COI para o Brasil, aportaria em breve na capital nacional.

Paço dialogava diretamente com seus leitores, os quais eram, em sua maioria, também seus compatriotas. Ressalto essa relação intrincada, pois os papéis do jornal e do leitor são vitais na constituição do que Benedict Anderson (2008) denominou de “comunidade imaginada”. Anderson considera o funcionamento da imprensa como um caso ilustrativo para o que ele compreende como o nacionalismo. Ambas, nação e imprensa, possuem suas gêneses em momentos históricos próximos. Ambas assumem o “tempo vazio e homogêno”, aquele do calendário, como suas temporalidades de escolha. E, mais importante, o leitor reproduz o mecanismo de identificação com seus pares utilizado pelo habitante da nação diante de seu compatriota. Apesar de desconhecê-lo, tanto o leitor quanto o patriota sabem que existem outros semelhantes a ele lá fora, forjando uma comunidade. Esse processo de formação de um imaginário coletivo, por meio de um coletivo de leitores, é particularmente interessante para um país como o Brasil, cuja condição nacional estava ainda em formação no começo do século XX.

Na sequência da convocação pública de Villar do Paço em prol da união nacional pela causa olímpica, houve “surpreendente entusiasmo” entre os leitores d’*O Paiz*<sup>98</sup>. Paço escreveria novamente para o jornal em oito de novembro, comunicando sobre as ações da CBD e da Federação Brasileira das Sociedades do Remo. A CBD demandava da Federação que contactasse seus clubes filiados para aferir quantos atletas estariam dispostos a “ir a Anvers levar, em seus peitos de atletas, o brasão verde-ouro de nossa nacionalidade”. Para estimular as adesões, mais uma vez era evocado o argumento civilizatório associado à participação olímpica<sup>99</sup>. Mais adiante, Paço reforçava a oportunidade patriótica de exaltar a imagem do país diante do mundo civilizado, exibindo “a força comprovada, já aferida, da nossa raça, o pavilhão verde-ouro, mil vezes vitorioso, da nossa nacionalidade”<sup>100</sup>.

Essa temática da identidade nacional permeava as narrativas da imprensa carioca ao abordar o campo olímpico brasileiro em formação. Tanto o conceito de nação quanto o de raça estavam em voga no Brasil na entrada do século XX. Se a raça enquanto noção científica foi desacreditada ao longo do século XX, a questão nacional permanece válida até hoje, a despeito das posições contrárias (cf. LEITE, 1983). O

<sup>97</sup> *O Paiz*, 06/11/1919, p. 8.

<sup>98</sup> “Causou geral entusiasmo o nosso apelo de ontem pela recepção ao embaixador olímpico do Brasil e por nossa participação na Olimpíada de 1920” (*O Paiz*, 07/11/1919, p. 8).

<sup>99</sup> *O Paiz*, 08/11/1919, p. 7.

<sup>100</sup> *O Paiz*, 18/11/1919, p. 8.

debate sobre identidade nacional e raça, levantado pelos jornais aqui analisados, se aprofundará na década de 1930, quando Gilberto Freyre publica o clássico *Casa Grande e Senzala* (1933) e Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil* (1936). Importante enfatizar que o esporte olímpico colaborou para a construção de narrativas identitárias sobre o Brasil. A comunicação dos jornais com seus leitores mediava esse processo simbólico, cujos efeitos práticos persistem na longa história

Figura 4: Rostos dos prováveis atletas brasileiros nas Olimpíadas de 1920<sup>101</sup>.



Fonte: *O Imparcial* (13/11/1919, p. 1).

A chegada de Raul do Rio Branco ao porto do Rio de Janeiro a bordo do “paquete Ré Victorio” pode ser considerado o último fato olímpico relevante na década de 1910. O América F. C. foi o primeiro clube a manifestar seu apoio à campanha d’*O Paiz* para a recepção de Rio Branco (08/11/1919, p. 7). A agitação em torno desse acontecimento movimentava as pautas jornalísticas ao longo do mês de novembro de 1919. *O Paiz* tomou para si a missão de tornar a chegada do “nosso primeiro representante esportivo no estrangeiro” um evento de relevo para o esporte nacional. Nesse ponto da análise, acredito estar claro o objetivo implícito dos jornais cariocas em “adotar” dado acontecimento olímpico, torná-lo público e gerar o maior burburinho possível em torno dele<sup>102</sup>.

Aqui é interessante retomarmos a distinção que Hayden White estabelece entre evento e fato, cerne da atividade jornalística: “Os eventos acontecem, os fatos são constituídos pela descrição linguística” (1994, p. 37). A chegada de Rio Branco ao Rio de Janeiro permanece enquanto um fato para a produção narrativa desse artigo graças à decisão dos jornais da época em tomá-lo enquanto tal. Desse modo, ao ressaltar o descaso do poder público com a recepção de Rio Branco, o *Paiz* elevava o seu próprio papel na promoção deste acontecimento<sup>103</sup>. Além d’*O Paiz*, o *Correio da Manhã* também relatava a recepção que

<sup>101</sup> Na legenda das imagens, liamos os nomes de: “1. Voigt – 2. Provenzano – 3. Jorio – 4. Abraão – 5. Angelú – 6. Mangangá – 7. [ilegível] – 8. O. Amendola – 9. A. Macedo – 10. A. Serpa – 11. Eraht” (*O Imparcial*, 13/11/1919, p. 1).

<sup>102</sup> Além dos outros exemplos já citados, destaco a taça Rio-São Paulo de futebol, apoiada pelo *Correio da Manhã* (16/11/1913, p. 5).

<sup>103</sup> *O Paiz*, 18/11/1919, p. 8.

estava sendo organizada para receber o diplomata brasileiro: “Tudo se prepara para que o sr. Raul do Rio Branco, delegado para o Brasil junto ao Comitê Olímpico Internacional, tenha condigna recepção, por ocasião do seu regresso à pátria”<sup>104</sup>.

Um dia de chuva forte no Rio, entretanto, afastou o público de entusiastas e curiosos que eram aguardados na Praça Mauá para assistir a chegada do “Ré Vittorio”. No cais, em 19 de novembro, estavam presentes os jornalistas d’*O Paiz* e os membros da família de Rio Branco. A proximidade com o evento garantiu acesso privilegiado do periódico ao personagem em foco. Graças a esse posicionamento estratégico, Rio Branco, assim que desbarca do navio, se depara com o jornalista do periódico e lhe dirige as seguintes palavras: “É de ‘O Paiz’? Muito está fazendo o seu jornal pelo esporte! Acompanho e leio, com interesse, o seu extraordinário serviço de propaganda. Irei procurá-lo”. Em seguida, o ministro brasileiro explicava que vinha ao país para cuidar dos preparativos para a participação nas Olimpíadas de 1920: “Naturalmente! É um dos ‘altos motivos’ que me fazem vir ao Brasil. Devo, porém, lhe dizer que nada farei sem um prévio entendimento, que preciso ter, com o Comitê Olímpico Nacional”<sup>105</sup>. O desconhecimento de Rio Branco sobre quem realmente estava cuidando da representação brasileira na Antuérpia/1920 (a CBD) é compreensível para quem estava há tanto tempo longe do país, porém ilustra a organização incipiente do campo olímpico nacional e a temporalidade que então marcava as redes midiáticas (principalmente, a carta e o telegrama). Se a burocracia administrativa não se encontrava consolidada, eram os esforços individuais e as relações pessoais que faziam avançar o movimento olímpico nacional.

O ano de 1919 encerrava, assim, uma década movimentada para o olimpismo brasileiro. Figuras como Raul do Rio Branco, Almeida Brito, Arnaldo Guinle, Fernando Mendes de Almeida, Alvaro Zamith, Duarte Rodrigues, Conde de Penha Garcia, Ulysses Reymar surgem nessa década como protagonistas da vida esportiva nacional. Lado a lado com esses indivíduos e as instituições que representavam, as corporações jornalísticas desempenharam papel de relevo na organização e propaganda de um campo olímpico em formação. Os anos 1910 antecipam acontecimentos relevantes da década seguinte, como os Jogos da Antuérpia e as comemorações esportivas do centenário da independência do Brasil, em 1922. Estes, entretanto, são assuntos para um próximo artigo.

### **Considerações finais**

A documentação coligida e posteriormente analisada até aqui me permite traçar hipóteses e pontuar alguns achados. Penso que uma

---

<sup>104</sup> Correio da Manhã, 12/11/1919, p. 3.

<sup>105</sup> O Paiz, 20/11/1919, p. 6.

vagarosa, porém contínua, reorganização das práticas esportivas e de lazer foi estimulada a partir da introdução das ideias relativas aos jogos olímpicos ainda na década de 1890. As narrativas jornalísticas retratavam a disputa simbólica em torno dos sentidos e significados atribuídos aos jogos olímpicos e às próprias práticas esportivas (cf. TOLEDO, 2001, p. 137), situando o Rio de Janeiro como centro de importantes reconfigurações no campo olímpico.

Nas décadas de 1890 e 1900, havia uma grande indefinição sobre o espaço dos jogos olímpicos. Indefinição que se manifestava nos múltiplos lugares onde os jogos olímpicos podiam ser “consumidos”: festas, circos, comemorações, cinemas, teatros. É apenas na década de 1910 que o movimento olímpico, regido pelo COI, aporta oficialmente em terras cariocas. A imprensa do Rio de Janeiro desempenhou papel chave na organização de um campo esportivo e olímpico na cidade, cuidando da formação de um Comitê Olímpico Nacional e das frustradas tentativas de realizar jogos olímpicos locais. Ao longo dessas três décadas, um misto de aceitação, resistência e adaptação dos leitores e jornalistas cariocas permeava as narrativas sobre os jogos olímpicos. Essas variações podem ser observadas na medida em que aferimos como os jogos olímpicos “serviram” a nova ordem social e econômica que se instalava na cidade. Até a década de 1900 podiam ser lidos textos críticos ou irônicos sobre a nova moda de jogos olímpicos importada da Europa. A partir de 1910, esse teor mais perscrutador é substituído pelo desejo de inclusão do Brasil na seara de nações reconhecidas pela entidade máxima do esporte olímpico mundial.

Ainda na década de 1910, as pautas jornalísticas sobre os Jogos Olímpicos são incrementadas, em especial pela entrada de novos atores no cenário olímpico nacional e pelos acontecimentos que marcam esse período. Houve um significativo crescimento do interesse dos diários cariocas pela temática olímpica. Extensos textos, inúmeras fotografias, cartas, telegramas e regulamentos publicados na íntegra – tudo isso fora incorporado às páginas de esportes cariocas. O leitor experimentava uma nova relação com a notícia, pois tinha à sua disposição conteúdos mais completos, e descobria, por meio das imagens, o rosto dos personagens do esporte olímpico nacional e internacional. Pode-se afirmar com isso que havia um clima favorável aos Jogos Olímpicos.

Por outro lado, as folhas cariocas exerciam pressão sobre o governo por apoio ao esporte e sobre as entidades esportivas por uma maior organização e comprometimento que permitissem ao Brasil estar representado nos Jogos do COI. Os jornais passavam a desempenhar papel ativo no campo olímpico, estabelecendo frutíferas parcerias com instituições esportivas sediadas no Rio de Janeiro. Essa união permitia que a imprensa acessasse material exclusivo para a produção de notícias, e concedia aos clubes e federações a oportunidade de divulgar suas pautas e deliberações (reuniões, cartas e ofícios, por exemplo) para o público leitor.

Não posso deixar de comentar que a publicação da carta circular de Raul do Rio Branco, em 1914, foi o elemento catalisador de uma mudança de postura da mídia carioca em direção a uma atuação mais incisiva em prol do movimento olímpico nacional. Mais do que isso, a importância da imprensa para a difusão do campo olímpico justifica pensá-la, como tenho feito até aqui, não apenas enquanto uma fonte histórica profícua, mas como um ator que contribuiu para tornar a história olímpica brasileira possível. Os próprios periódicos reivindicavam para si esse lugar de promotores do esporte, e não de meros espectadores ou de repórteres dos fatos.

### **Referências bibliográficas**

ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *A vocação do prazer. A cidade e a família no Rio de Janeiro republicano*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

AMARO, Fausto. Narrativas midiáticas sobre a relação entre corpo e jogos olímpicos nas décadas de 1890 e 1900. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, v. 6, n. 3, 2016.

AMARO, Fausto; HELAL, Ronaldo. Circo, teatro, cinema e esporte: os jogos olímpicos na mídia impressa carioca de 1890 a 1910. *Líbero (FACASPER)*, São Paulo, n. 36, 2015.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AZEVEDO, André Nunes. A Capitalidade do Rio de Janeiro. Um exercício de reflexão histórica. In: AZEVEDO, André Nunes (Org.). *Anais do seminário Rio de Janeiro: capital e capitalidade*. Rio de Janeiro: Departamento Cultural/NAPE/DEPEXT/SR-3/UERJ, 2002, p. 45-64.

\_\_\_\_\_. *Da Monarquia à República: um estudo dos conceitos de civilização e progresso na cidade do Rio de Janeiro entre 1868 e 1906*. Rio de Janeiro, 2003. 327f. Tese de Doutorado – Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura, Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Seguido de A influência do jornalismo e Os jogos Olímpicos. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

*CORREIO DA MANHÃ*, Rio de Janeiro, 1901 a 1939.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

DAMATTA, Roberto. Esporte na Sociedade: Um Ensaio sobre o Futebol Brasileiro. In: DAMATTA, Roberto (Org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

\_\_\_\_\_. *Carnavais, malandros e heróis*. Para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FRANCESCHI WACKER, Márcia. *A participação do Brasil no Movimento Olímpico Internacional no período de 1896 a 1925*. Rio de Janeiro, 1999, 114p. Tese de Doutorado – Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Formação da família brasileira sob o regime patriarcal. Recife: Global Editora, 2003.

\_\_\_\_\_. Foot-ball mulato. *Diário de Pernambuco*, Recife, 17 jun. 1938.

GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 1890 a 1934.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, 1891 a 1939.

LEITE, Dante Moreira. *O Caráter Nacional Brasileiro*. 4. ed. São Paulo: Pioneira, 1983.

MASSI, Alexandre *Os 100 anos do Comitê Olímpico do Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2015.

MELO, Victor Andrade de. *Cidade Esportiva: primórdios do Esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Faperj, 2001.

\_\_\_\_\_. Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX. In: HOLLANDA, B. B.; MELO, V. A. (Orgs.). *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012, p. 21-51.

MELO, Victor Andrade de; PERES, Fabio. Primeiros ventos olímpicos em terras tupiniquins. *Revista da USP*, 2016, no prelo.

O *IMPARCIAL*, Rio de Janeiro, 1912-1942.

O *PAIZ*, Rio de Janeiro, 1890-1934.

ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira & Identidade Nacional*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.

*REVISTA DA SEMANA*, Rio de Janeiro, 1900 a 1939.

RUBIO, Katia. Postulações brasileiras aos Jogos Olímpicos: considerações acerca da lenda do distanciamento entre política e movimento olímpico. *Biblio 3W. Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales*, Universidad de Barcelona, v. XV, n. 895, nov. 2010. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-895/b3w-895-10.htm>>.

SODRÉ, Muniz. *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis: Vozes, 2009.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Futebol e teoria social: aspectos da produção científica nacional (1982-2002). *BIB – Boletim de Informação Bibliográfica*, n. 52, 2001.

WHITE, Hayden. Teoria literária e escrita da história. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 21-48, 1994.

Recebido em 13 de setembro de 2016

Aceito em 28 de novembro de 2016